

## UM PARTO MONSTRUOSO DE UM CÉREBRO ARTISTICAMENTE ENFERMO<sup>1</sup> E A IMPORTÂNCIA DE LERMOS OBRAS CONDENADAS

Por Ana Luiza Gerfi BERTOZZI<sup>2</sup>

Sempre que a crítica se une em torno de um livro, peça, filme ou música a atenção do público a acompanha com fervor. Proibir algo sempre o torna mais interessante. A crítica é um fator-chave para qualquer pessoa que crie algo, pode ser um autor, um ator ou um chefe de cozinha. Com o aumento das plataformas de distribuição, aumentou também o campo de atuação da crítica assim como o número de críticos.

Mas, em 1888, a história era um pouco diferente. Os meios de comunicação eram mais restritos e o sucesso ou fracasso estavam muito mais próximos do público e dos autores. Foi isso que aconteceu com Júlio Ribeiro, que conseguiu despertar a ira de todos. Naquele ano, o autor mineiro lançou seu romance “A Carne”. Dois fatos são extremamente interessantes nessa obra: 1) o poder do enredo e a forma como ele ressoa na atualidade; e 2) a explosão crítica que tal obra causou.

Vamos ao enredo. Lenita é uma mulher jovem, financeiramente saudável e intelectualmente independente. Ela foi criada por seu pai em uma vida dedicada às descobertas acadêmicas, como de se esperar de uma produção de 1888, isso a afasta da vida amorosa. Quando seu pai morre, ela se recolhe em uma fazenda de um amigo da família. Lá conhece Manduca, homem que vive separado de sua esposa e primeiro homem que está à altura de sua capacidade intelectual. A partir desse ponto, algo desperta em Lenita. O intelecto de Manduca a atrai sexualmente.

A admiração pelas faculdades intelectuais elevadíssimas de Barbosa envolvia-se mansamente, naturalmente, para uma admiração pelas suas formas, para um desejo de seu físico que a dementava a ela, que a punha fora de si. (RIBEIRO, 1888, p. 115)

---

<sup>1</sup> A expressão é de José Veríssimo sobre o romance de Júlio Ribeiro, Jean Pierre Chauvin traz essa como uma das muitas críticas feitas na época em seu prefácio para a edição da Martin Claret, 2014.

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: ana.bertozzi@gmail.com

Todo esse desejo feminino, expresso de forma crua e direta, chocou. A maravilha da obra, porém, está no desfecho. Eles transam, ela engravida... esperaríamos que o próximo passo seria dele, terminando em uma família ou em abandono. A história realmente acaba em abandono, mas é Lenita que, vendo o rumo que sua vida tomaria, toma as rédeas da situação e casa-se com um de seus muitos pretendentes. Sua vida está resolvida e ela comunica Manduca em uma carta. Ele entra em desespero e se suicida. A sua escolha para a morte pede um texto só para si (leiam o livro para que possam concordar comigo).

O enredo reverbera em uma sociedade na qual há ainda a necessidade de discussão do “papel” da mulher. O desejo carnal expresso sem filtros românticos e a decisão feminina com firmeza continuam a causar transtornos em uma sociedade extremamente machista. Daí advém a primeira grande riqueza da obra.

A segunda vem do poder da crítica. Quando pessoas se unem para banir um livro, um fenômeno muito corriqueiro acontece: a curiosidade aumenta e mais pessoas leem o livro. Para mim, há três motivos para ler os livros condenados.

Quem é condenado tem algo a dizer. Autores que têm obras consideradas polêmicas geralmente recebem esse “título” por posições que assumem em seus textos, pontos de vista que questionam, comportamentos que incentivam ou recriminam. Como seres humanos críticos que somos, precisamos aprimorar nosso arcabouço de conhecimentos a cada dia e refinar nossa capacidade crítica. Precisamos conhecer as obras que questionam os comportamentos e pensamentos que consideramos normais, estáveis ou internalizados em nossa sociedade.

Sempre questione a crítica. Se você segue um assunto ou tema de perto, você sabe que sempre há um especialista. Seja na música, no cinema, nos quadrinhos, no teatro musical ou na literatura, sempre há um crítico. Isso é algo que enriquece a discussão. Pessoas pensando sobre uma obra e dando a outros a sua visão daquele recorte. Mas nada é tão inocente. Quando a crítica enaltece ou destrói algo, sempre há um pensamento por trás daquele texto ou vídeo. E, a não ser que você esteja escrevendo ou gravando tal crítica, aquela não é sua opinião ou visão.

Como graduandos, estamos em anos de constante preparo e construção de nossa visão crítica. Podemos concordar ou discordar de qualquer pessoa, mas para fazermos isso de forma razoavelmente válida precisamos conhecer nossos objetos.

Existe um prazer secreto naquilo que é proibido. Se uma proibição nos parece absurda ou exagerada, precisamos encará-la como pesquisadores. Ler criticamente, formar um argumento e defender um ponto de vista. Mas como leitores há um prazer em ler aquilo que todos dizem que não devemos ler. Podemos nos decepcionar e perceber que aquela leitura realmente nada acrescentou, mas podemos nos deparar com uma riqueza escondida sob o manto dos preconceitos alheios.

A leitura de “A Carne” pode ser menos chocante hoje do que foi em 1888, mas acredito que seu efeito ainda é poderoso. Em um mundo onde a bancada evangélica dentro do Congresso só cresce e os críticos de internet se multiplicam de forma exponencial, precisamos dar ferramentas para que nossas meninas e meninos consigam libertar-se das repressões. Júlio Ribeiro traz em seu texto duas das liberações mais importantes: a intelectual e a sexual. Lenira transpõe a barreira imposta a mulheres de seu tempo. Ela estuda, ela se prepara para embates intelectuais, ela se aproveita dos recursos que possui para escolher o seu caminho, ela assume seus desejos e escolhe seu caminho. Mas em 2017 temos dificuldades em reconhecer mais Lenitas em nossa vida real.

CHAUVIN, Jean Pierre. **A carne (1888) de Júlio Ribeiro e a leitura polarizada.** Prefácio Julio Ribeiro. A Carne. São Paulo: Martin Claret, 2014 – Coleção a obra-prima de cada autor, 14.

RIBEIRO, Júlio. **A Carne.** São Paulo: Martin Claret, 2014 – Coleção a obra-prima de cada autor, 14.